

Velhos conflitos, novos pânicos

NÃO nos habituamos ainda a conviver com o impacto da recusa das "diretas, já". É inevitável que o despençar desta enorme esperança desenhe cenários do descontentamento popular capaz de chegar à vaga da violência generalizada. Mas não há como nos entregar a um preconceito alarmista que veja em todo protesto o pavio longo de um mesmo rastilho, a acender-se no País frustrado na sua mobilização política, para enfrentar a escalada das provações econômicas.

Ao deflagrar-se o conflito dos bóias-frias em Ribeirão Preto, era ele associado intuitivamente à greve dos motoristas em São Paulo, ou à dos professores autárquicos, no País todo. Era como se uma ânsia de disrupção, no fundo da nossa expectativa, visse por todo lado a trama manipulatória e a desordem em cheia como o refluxo das "idas as praças". Não se confundam velhos conflitos com novos pânicos.

O inédito das desordens de Guariba e Bebedouro não é só estalarem em área rural das mais ricas, todo o contrário das clássicas geografias da miséria brasileira. Mais ainda, irrompia o protesto por fora da ação dos sindicatos. A resistência lavrava no mais fundo do espontaneísmo daqueles trabalhadores, num nervo despertado de inconformismo. Nesta cadeia nova de solidariedade que congregou os bóias-frias do nordeste paulista, pode-se ver o efeito da lufada cívica geral em que continua o 25 de Abril.

O símbolo das "diretas, já" se enraíza num empenho único de auto-organização da coletividade nacional. É por aí que o novo capital cívico pode durar e colher os efeitos de uma real aceleração histórica do nosso processo político. E ela caminhará pela nítida distinção dos diversos conflitos que virão na esteira do povo levado a provar da expectativa de ampla participação.

O que ruiu em torno de Ribeirão Preto foi um enclave exorbitante de pagamentos rudimentares à mão-de-obra, inalterado ao longo de lodosos percalços da nossa crise, ou da nossa prosperidade. Brotou num dos escassíssimos mercados em ascensão no País, ligado as oscilações internacionais do mercado de cítricos e à sua escassez ocasional. À geada que por, uma vez não castigou os nossos cafezais, mas as laranjeiras da Flórida. O impasse irrompia num bolsão inesperado de fartura, com todas as condições de se compor naturalmente. Como o foi. Mas teríamos chagado aí sem o aguçamento geral da Consciência política brasileira, crescida com as "diretas já"? A modernização econômica do País conviveria até quando com estas formas arraigadas de sub-remuneração do trabalho, na agroindústria da cana e assemelhados? Ou com a exclusão dos salários de toda alta dos preços externos?

O corre-corre e as depreciações de Guariba saltaram às manchetes, a evocar a permanência dos cortes de "sete ruas", nos canaviais, como prestação mínima para pagamento da jornada de trabalho. O noticiário destes 84 convivia, num anacronismo dramático, com um vocabulário da velha gleba e seus asserviçamentos. Por uma vez, uma situação exemplar do velho regime econômico teve tratamento cabal. Resolveu-se sem manipulação, sem intermediários numa nova presteza de protagonistas antigos, crestados numa negociação estruturalmente desequilibrada. Chegou-lhes o amanhã das "diretas, já". E a nova sensibilidade social em que se filtra, para ficar, a mobilização política do último quadrimestre. Quem a guarda — aposentado até os próprios sindicatos de trabalhadores — é a sociedade civil, acordada no seu primeiro espontaneísmo.

O essencial, entretanto, é saber como prospera o capital de ordem e pressão do povo na praça. O que é, a derivá-la, a exploração do potencial de desencanto, também companheiro do pós-25 de Abril. O que é esta consciência ganha pelo País, e capaz de desalojar situações imemoriais de injustiça. O espetáculo de auto-organização chegado ao seu clímax à véspera da Emenda Dente de Oliveira não tem como sua contrapartida um roldão anônimo e incontável de violência. Nem um poder gigante de manipulação capaz de se reforçar a cada instante sobre a franja de desemprego, marginalidade e desintegração social do país travado.

As "diretas, já" propiciaram um vazadouro político — articulável, susceptível de amplo diálogo — frente à crise múltipla do nosso desenvolvimento. A liquidação de saldos imemoriais de desequilíbrio enraizado será muitas vezes vista como a baderna, aguardada e saudada por todos os álibis do nosso imobilismo. Impõe-se a urgentíssima distinção entre o joio velho e o trigo novo nas tensões a se abrirem nas próximas semanas. E que vão logo repletar os Estados governados pelas oposições. O País cauciona hoje uma solidariedade nova nestes embates, a depender criticamente das polícias estaduais de São Paulo, do Rio e de Minas Gerais. A máxima vigília na manutenção da ordem não implica a retórica da desestabilização continuada do País, vista em cada escaramuça social.

Uma nova consciência reivindicatória esta grassando mais depressa que os saques e as depredações. Ela vem dos comícios e não do ímpeto dos desordeiros. Surge, nítida e sem precedentes, como reconheceu o Secretário de Governo de São Paulo, das multidões "que não se prendem".

CANDIDO MENDES

Presidente do Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO

(Página 11)